

Boe Eroia – Iedodu: uma narrativa visual indígena¹

Ana Rita VIDICA²

Lucas Borobo RONDON³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Esse texto apresenta a proposta de uma narrativa visual a partir de fotografias da cerimônia de nomeação do povo Boe Bororo, intitulada “Boe Eroia – Iedodu”, produzida pelo fotógrafo indígena Lucas Borobo Rondon. Esta narrativa se alicerça a uma proposta decolonial de produção de imagens e reivindica o direito a olhar para as suas próprias origens e rituais sem a mediação de um homem branco com o objetivo de dar visibilidade a um ritual de nomeação visto, vivenciado e registrado por alguém de “dentro”, o que contribuiu para a construção de uma visualidade e de uma forma de narrar feita pelo olhar indígena.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa visual; fotografia; indígena; boe bororo; decolonialidade.

Introdução

Esse texto é escrito a partir do encontro de dois fotógrafos e pesquisadores da imagem, a professora de fotografia Ana Rita Vidica, mulher negra e não-indígena, e Lucas Borobo Rondon, homem indígena do povo Bororo, que recebeu o nome Bokwado I Kudau e Kuruie Eimijera, a sua cerimônia de nomeação. Nós⁴ nos unimos para olhar um conjunto de 21 imagens produzidas por Lucas em um tempo passado, em setembro de 2019 e junho de 2021, que retorna no presente com a organização destas fotografias, em 2024, para apresentação nesta comunicação⁵.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 013 – Imagens e Narrativas), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Docente do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (FIC/UFG), email: ana_rita_vidica@ufg.br.

³ Discente de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (FIC/UFG), email: lucasborobo@discente.ufg.br.

⁴ O texto será escrito na primeira pessoa do plural para evidenciar a escrita por nós e também para trazer um caráter pessoal. Contudo, ao referirmos a ação de um ou de outro na produção da pesquisa ou das fotografias, será nominada a autoria colocando o nome e a escrita em terceira pessoa do singular. Contudo, não há a intenção de objetificação do texto, mas o de visibilizar o trabalho feito por cada um, gerando esse trabalho coletivo de escrita.

⁵ Em abril deste ano foi feita uma outra montagem dessa narrativa, que fez parte da exposição “Entre Boe Eroia e Nawe”, realizado no Espaço Rensga – Arte e Educação, em Goiânia – Goiás. Com a curadoria compartilhada entre: Débora Duarte, Leandra Nishimoto, Lucas Borobo e Wayali Salumã.

As fotografias da narrativa visual apresentada foram tomadas na Aldeia Pobore (2019) e na Aldeia Tadarimana (2021), ambas localizadas no município de Rondonópolis, Mato Grosso, onde vive o povo Boe Bororo.

Estas imagens foram feitas com a finalidade de registrar a cerimônia de nomeação, ritual característico dos Boe Bororo que tem como objetivo apresentar a pessoa à comunidade indígena. O texto caminha no sentido de apresentar esse modo de construção narrativa, do registro à montagem, para refletir a partir da questão: Como é possível criar uma narrativa visual que traga o olhar de um fotógrafo indígena sobre um ritual que ele mesmo vivenciou, trazendo à tona uma perspectiva decolonial de pesquisa? Para isso, parte-se da apresentação do processo de construção da narrativa alicerçado à discussão sobre outros modos de narrar distantes do olhar colonial imposto aos povos originários.

Metodologia e Fundamentação teórica

Este trabalho é feito a partir do registro fotográfico realizado por Lucas Borobo através de uma câmera de celular, nos anos de 2019 e 2021, sem a pretensão, à princípio, de montar uma narrativa ou mesmo apresentar em uma exposição ou texto acadêmico. As imagens entram em um processo de decantação e com o caminhar da sua vida acadêmica, cujo ingresso, no curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás, se deu em 2023 e o contato com as disciplinas “Introdução à Fotografia” e “Fotografia Publicitária” com a Prof^a. Ana Rita Vidica, e a relação de ambos nas atividades do Coletivo de Fotografia Imaginária (CoFTi)⁶ em que virão a potência de reabrir esse arquivo visual produzido por Lucas a fim de criar novos caminhos a ele, alinhando-se a uma perspectiva contemporânea do fazer fotográfico.

Esses caminhos são amparados pela pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2017) sobre a decolonialidade a partir dos textos do Dossiê Decolonialidade e Política das Imagens (2020), organizado pelos professores Fernando Gonçalves, Daniel Meirinho e Michele Salles e autores do grupo Modernidade/ Colonialidade, citados neste texto e no de Dias (2020). No referido dossiê e é o modo como tomamos neste texto, o termo decolonial não é tomado como um conceito, mas uma chave de leitura e de uma forma narrativa que propõe, “a partir de lógicas não-ocidentais de compreensão, outras formas de percepção da experiência e um desejo de desmoronamento de uma política

⁶ Projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás, coordenado por Ana Rita Vidica e que tem a participação de Lucas Borobo, que tem a pretensão de discutir a produção fotográfica contemporânea e produzir narrativas visuais que vão ao encontro da ideia de que o imaginário não está em oposição ao real, mas se liga a algo que afeta aos envolvidos com o fazer fotográfico.

sociocultural de apagamento e de genocídio” (GONÇALVEZ, MEIRINHO, SALLES, 2020, P. 11), de forma específica, ligado aos povos originários. Nos vestimos do “direito de olhar” proposto por Mirzoeff (2016) para criar uma narrativa própria, que se dá pela produção de um indígena e de uma não-indígena interessada na produção de contravisualidades, ou seja, formas imaginadas de singularidade e coletividade.

Essa perspectiva decolonial de construção visual se associa ao que Ariella Azoulay (2024) propõe na obra “História Potencial”, ou seja, a reabertura da história a partir da criação de outras narrativas que sejam capazes de restituir direitos. Esta narrativa é construída a partir deste lugar.

Principais resultados e contribuições da pesquisa

O principal resultado desta pesquisa é a construção da narrativa visual “Boe Eroia – Iedodu”, que se constituiu no direito de Lucas Borobo a olhar um ritual feito pelo seu povo, a cerimônia de nomeação do povo Boe Bororo e criar uma narrativa visual que traga essa vivência de quem faz parte desta comunidade e não de alguém externo a ela.

A cerimônia de nomeação ou cerimônia de batizado é o momento em que a criança⁷ é formalmente apresentada à comunidade pelo seu Iedaga (que dá o nome, parente mais próximo da mãe do bebê). Através do nome, a criança passa a fazer parte da sociedade Boe, sendo reconhecida sua linhagem dentro de um clã e sub-clã, exclusivamente matrilinear⁸. Dessa maneira fica encarregado ao clã matriarcal a escolha do nome e a apresentação desse nome para toda a comunidade.

Às mulheres do clã do pai, cabe a responsabilidade de preparar o/a pequenino (a) para o ritual. Transparecendo a identidade visual desse sub-clã, nas pinturas faciais, nos desenhos nas cores das plumagens, motivo de orgulho para essas matriarcas. Porém, esse sub-clã não tem nenhuma incumbência ou poder na escolha do nome da criança, que é feito pelo sub-clã da mãe.

Com a particularidade de cada clã e sub-clã, as matriarcas das famílias fazem questão de que suas pinturas, suas plumagens, suas identidades visuais transcritas nas formas de pinturas, sejam registradas para a posteridade, facilitando a documentação em fotografias.

⁷ Embora o registro aqui apresentado tenha sido feito de uma criança, esta cerimônia pode ser feita também em outras fases da vida, como na adolescência ou vida adulta.

⁸ Uma sociedade matrilinear ou um sistema de descendência materna é um sistema em que o poder e a responsabilidade familiar são, geralmente, assegurados pelo irmão da mãe, ou seja, o tio materno.

A narrativa visual feita para este texto é composta de cinco fotografias (imagem 1) de um universo de 21 fotografias. O recorte realizado tem o propósito de narrar, visualmente, o processo do ritual descrito acima, com ênfase no registro da apresentação de um bebê à comunidade Boe Bororo.

Imagem 1 – Narrativa Visual “Boe Eroia – Iedodu”



Fotografias: Lucas Borobo
Montagem: Ana Rita Vidica

As fotografias, nos mostram, de modo a narrar o processo, as pinturas feitas no bebê, respeitando o momento da amamentação (primeira fotografia), a colocação das plumagens e o cuidado das mulheres do sub-clã paterno (sequencia de três fotos colocadas no centro) e a apresentação da criança e a nomeação feita por um figura masculina do sub-clã materno (última fotografia).

Apresenta-se uma dimensão processual do ritual, que envolve o cuidado feminino e a força masculina, cujas energias, cercam a criança, apresentando um modo não dual de concepção, coadunando com a cosmovisão indígena, o que se distancia da dualidade preconizada pelo colonialismo.

Com isso, essa narrativa visual contribuiu para a materialização visual de outra forma de saber e concepção de mundo, mantendo-se visível aos olhos de uma sociedade ainda presa a ideais colonialistas. Isso, inclusive, se constituiu em uma batalha enfrentada pelos indígenas brasileiros, em que a classe alicerçada, ainda, à premissas coloniais e que ocupa cargos governamentais tenta a todo custo apagar ou continuar o apagamento dessa minoria. Essa narrativa é uma forma de romper essa barreira, de dizer as esses que não nos querem entre eles. E, dizemos isso em coro, formado pelas vozes de Lucas, o povo Boe Bororo, outros povos indígenas e todos os não-indígenas, como Ana Rita, que os veem como os povos originários do Brasil: “Estamos aqui, continuamos aqui e vamos continuar aqui”.

Conclusão

Apesar do texto exigir uma conclusão. Esse texto é apenas o início de um processo reflexivo e de construções narrativas que adentrem o direito a olhar proposto por Mirzoeff (2016) que vão na direção da criação de outros modos de narrar, feitos por quem está inserido na comunidade indígena e não por homens brancos que, através da câmera fotográfica, impuseram um modo de olhar o indígena, baseado em estereótipos.

Além disso, compreendemos que o trabalho tem o propósito de manter viva a cultura de um povo, de forma específica, do povo Boe Bororo, e a fotografia, na contramão do modo como foi usada no século XIX, se constituiu em uma ferramenta de reconstituição de direitos e afirmação de resistência e pertencimento quando feita por um fotógrafo indígena, uma vez que destaca a conexão da identidade cultural e ancestral.

Ao trazer à tona os rituais e as emoções ligadas à herança cultural – para essa narrativa visual falamos da cerimônia de nomeação em particular – as fotografias

transmitem não apenas imagens, mas também um desejo de ser visto por suas próprias lentes.

Essa abordagem enriquece a experiência do espectador, permitindo a imersão mais sensível no ritual retratado. Além disso, ao explorar a espiritualidade, a natureza e a continuidade da história de um povo, as fotografias podem provocar reflexões sobre temas como: origem, pertencimento e demarcação de espaço, ampliando visibilidade da cultura, mostrando a singularidade da etnia e desmitificando a ideia de que os povos indígenas são todos iguais.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella Aïsha. **História potencial**: desaprendendo o imperialismo. São Paulo : UBU Editora, 2024.

DIAS, Bruno Santos Nascimento. América Latina por uma epistemologia decolonial da comunicação. In: **Cadernos Prolam/USP- Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 19, n. 38, p. 46-74, jul./dez. 2020.

GONÇALVES, Fernando; MEIRINHO, Daniel; SALLES, Michelle. Dossiê Decolonialidade e Política das Imagens. In: **Revista Logos** EDIÇÃO Nº 55 - VOL 27, Nº03, 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. In: **ETD – Educ. Temat. Digit. Campinas**, SP v.18 n.4 p. 745-768 out./dez.2016.

STUMPT, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Jorge Duarte, Antônio Barros (org). São Paulo : Atlas, 2017.